

## **É A HORA DO PSOL COMO ALTERNATIVA**

Essa tese ao Congresso Municipal do PSOL é um esforço coletivo do Movimento Esquerda Socialista de colaborar com as discussões sobre o perfil de partido que queremos e precisamos nas duras lutas travadas dentro de um contexto de profunda crise econômica e política. A crise representa um risco, expresso nos constantes ataques aos direitos do povo, mas também uma oportunidade, dada a fragilidade dos partidos da ordem e seus dirigentes.

O PSOL tem a seu favor o patrimônio político. Fomos oposição a todos os governos que defenderam os interesses dos mais ricos, fossem eles comandados pelo PSDB ou pelo PT, e contra nós não pesa uma única denúncia de corrupção. Temos que ser os primeiros a reivindicar esse patrimônio e mostrar que há alternativa para além dos partidos que têm se alternado defendendo os interesses dessa elite corrupta e segue no governo com Temer, Alckmin ou Doria. É a hora de mostrar que o PSOL pode ser essa alternativa.

### **O BRASIL EM CRISE**

O país está mergulhado em uma de suas mais profundas crises e não há sinais de uma eventual melhora possa vir logo. As principais figuras do regime estão envolvidas nos mais diversos escândalos de corrupção, atestando como são feitos os negócios entre a partidocracia e os ricos para os quais governa. Tentam escapar da justiça oferecendo os direitos dos trabalhadores em troca de impunidade. Aprovaram o limite de gastos do governo federal, para acabar com os investimentos em saúde e educação, cortaram diversos direitos garantidos pela CLT e agora ainda querem aprovar uma reforma da previdência que vai obrigar alguns trabalhadores a trabalharem até morrer. Enquanto isso podem seguir desmontando a Lava Jato e ganham passe livre da prisão através do STF.

O golpe parlamentar serviu para tirar do poder o PT, que já não podia impedir a Lava Jato ou implementar o programa de ajuste exigido. Agora, para recompor o regime em torno dos novos sócios que partilham o poder impedem a candidatura de Lula. Temer, Aécio e Alckmin têm a seus dispor as mais diversas manobras jurídicas para escapar da justiça, enquanto o processo de Lula seguiu adiante. Querem que o povo possa apenas escolher entre os corruptos associados o novo chefe. Com a manobra cai mais um dos véus da democracia dos ricos, os negócios estão acima do direito de o povo escolher o seu presidente. A vontade do povo segue sendo fraudada, pela manutenção do mais impopular presidente da história do país no poder e pelo impedimento da candidatura presidencial de Lula, que lidera as pesquisas.

### **A CRISE EM SÃO PAULO**

No contexto da crise São Paulo funcionou com laboratório para as “soluções” políticas e econômicas que os ricos empurrar para o povo. Doria foi vendido com um gestor, cravando sua origem e sua imagem longe do mar de lama na qual estão mergulhados os políticos e

partidos tradicionais, para então vender o patrimônio de São Paulo. Foi um teste para a reciclagem do PSDB e a popularidade das medidas de ajuste.

O objetivo do prefeito era vender os bens e serviços da cidade aos seus amigos enquanto endurecia contra o povo: cortou o passe-livre, congelou verbas da cultura, retirou remédios das farmácias, abandonou o funcionalismo, desmontou a assistência social, violentou a população em situação de rua, esqueceu as ações de zeladoria e tentou obrigar as crianças a comerem ração humana. O absurdo chegou a esse ponto. Não à toa enfrentou resistência. O episódio da ração humana, em particular, mostrou que é possível derrotar as medidas reacionárias dos poderosos através da organização do povo e da ação do PSOL. Sâmia, a nossa vereadora na capital, foi a porta voz da indignação de centenas de milhares contra a proposta do prefeito, que teve que recuar. O episódio mediu a força que o PSOL pode ter na oposição aos tucanos, enquanto o PT vem perdendo espaço na capital e no estado.

### **UMA ALTERNATIVA NECESSÁRIA**

O PSOL precisa encontrar sua expressão entre a rejeição ao governo Temer e ao modelo de governo petista implementado por Lula e Dilma em sociedade com os ricos e as elites partidárias mais atrasadas. Nosso partido deve se apresentar como uma alternativa a esse verdadeiro modelo único implementado por PSDB, PT ou PMDB, que partilham migalhas nos tempos de bonança e retiram da parcela mais pobre um pouco que tem em épocas de crise. Uma parcela da sociedade já reconhece no PSOL esse perfil. Para muitos somos os poucos que restaram sem terem se vendido ao grande capital e seguiram defendendo os interesses das negras e negros, LGBTs, mulheres, jovens e trabalhadoras e trabalhadores.

A correta denúncia dos golpes do regime na cassação do mandato de Dilma e agora da candidatura de Lula não podem servir para alimentar esperanças de que, mesmo nestas condições, o PT sirva a luta contra o governo e os ataques ao povo. Basta lembrar que Henrique Meireles, o capitão do ajuste de Temer, era o presidente do Banco Central durante o governo Lula, servindo como ministro da economia de fato. Para não ir tão longe recordemos que poucos meses atrás o PT desmontou a greve geral anunciada contra a Reforma da Previdência.

O caminho para derrotar o governo Temer e os ataques aos trabalhadores não passa por manter qualquer tipo de esperança em Lula e no PT. O ensaio para o plano de ajuste começou já no governo Dilma, com Joaquim Levy do Bradesco na economia. Lula também foi um entusiasta do corte de direitos na previdência, já no seu primeiro ano de governo e expulsando do PT quem se opusesse. A própria farsa democrática da qual agora o PT é vítima foi sustentada por eles ao longo dos últimos governos, no conluio com bancos, empreiteiras, mídia e partidos burgueses. De modo que não como agora esperar qualquer coisa diferente.

Esse é o perfil que deveríamos apresentar nas eleições desse ano. E ainda que a indefinição sobre a nossa candidatura siga até março o partido já poderia estar discutindo o programa que

vamos apresentar baseados nesse perfil. Boulos seria um bom candidato, mas falta que se disponha. Por conta dessa indefinição o PSOL arrasta a sua decisão, enquanto outros partidos já postulam um ou mais nomes. Durante longos meses do ano passado perdemos a chance de intervir no quadro nacional através de algum dos bons quadros que temos e que poderiam expressar o acúmulo do partido na discussão de propostas para o país. Luciana poderia ter cumprido esse papel, assim como poderiam Plininho, Sonia Guajajara e Hamilton, nomes que agora disputam as prévias do partido. Mas mesmo no cenário de indefinição faltou à direção do partido a iniciativa de debater com o conjunto da militância o eixo e as propostas pelas quais uma candidatura nossa deveria se orientar.

Na capital a militância do PSOL tem dado importantes exemplos no sentido do perfil que defendemos. O partido esteve na linha de frente das Greve Gerais de 28/04 e 30/06. Na primeira estivemos na linha de frente das trabalhadoras e trabalhadores que pararam o metrô. Em 24/05 demos o tom na batalha de Brasília contra Temer, que chegou a colocar os militares na rua para reprimir a população. Polarizamos com o MBL em torno do antidemocrático projeto escola sem partido. Derrotamos Doria no caso da farinata, custando para ele suas pretensões eleitorais para a presidência. E mais recentemente chegamos a barrar temporariamente o leilão para a privatização do metrô. Em 2017 foram muitas as pessoas viram o papel importante que o PSOL está cumprindo na cidade, na resistência ao Doria, na denúncia das maracutaias, na demonstração de que é possível fazer política de forma diferente.

## **MUDAR O PSOL**

Infelizmente os melhores exemplos do PSOL não encontram apoio na direção do partido. Não há apoio à organização dos núcleos, atividades de formação para as centenas de novas pessoas que se filiam ao PSOL, não há panfletos para os militantes discutirem e agitar a política do PSOL, não há bandeiras, não há nem ao menos camisetas do partido para os filiados comprarem e não um único boletim virtual que informe a militância da política do seu próprio partido. A direção do PSOL muitas vezes parece que sumiu, seja pela política que acaba misturando o PSOL ao PT na cabeça do povo ou seja pela falta de uma estrutura que apoio as atividades do partido levadas adiante pela nossa militância.

É através do mandato da Sâmia que temos tentado dar o exemplo do tipo de partido que queremos. Apoiamos importantes iniciativas nas quais militantes do PSOL estavam inseridos e buscamos polarizar o debate em torno do projeto de cidade e país que queremos. O mandato foi um importante alicerce em batalhas que aconteceram na capital, como as greves gerais de 28/04 e 30/06, a luta contra a absurda proposta de ração humana do governo Doria e mais recentemente a tentativa de barrar o processo de privatização do metrô. Sâmia levou adiante a política de independência do partido, mostrando que o nosso lado é o do povo, e colocou a estrutura do mandato a disposição das lutas que acontecem. Também por isso apresentamos o nome da companheira a presidência do partido na capital. Nas palavras de Sâmia:

*“Foram muitas as correntes, lideranças e principalmente os militantes de base que me apoiaram em nome da defesa de um PSOL plural, democrático e voltado para a ação nas ruas. Um partido que se oponha a toda a elite política do país, buscando construir uma alternativa de poder dos 99% da população. Um partido com a cara da combativa classe trabalhadora que parou o Brasil no dia 28 de abril, da juventude que fez junho de 2013, das mulheres, negras e negros e LGBTs que, todos os dias, constroem sua resistência e suas primaveras.”*

É preciso colocar o partido nessa trilha e contagiar ele com esses exemplos. O PSOL tem que se afirmar como alternativa política na cidade e a mais combativa oposição aos tucanos. Para isso temos a militância, que o partido precisa apoiar através de materiais, cursos de formação e atividades de discussão, e uma parcela da população que já percebe que o PSOL não se misturou com os outros nos esquemas sujos do poder e esteve do lado do povo na luta pelos seus interesses. Somos as trabalhadoras e trabalhadores, a periferia, as mulheres, as negras e negros e LGBTs. Construiremos uma São Paulo para as e os debaixo participando ativamente das lutas, ao lado dos movimentos, da juventude, da intelectualidade e dos milhões de trabalhadoras e trabalhadores que vivem na cidade. Temos que fortalecer os que se organizam no PSOL e organizar os quem enxergam em nós uma referência.

Essa deve ser a disputa do PSOL, organizar os de baixo e rejeitar acordos e alianças com aqueles que governam o país há tanto tempo. O PSOL nunca votou nenhuma medida contra os trabalhadores, não está envolvido em nenhum caso de corrupção e tem autoridade política para ser a alternativa. O cenário é difícil, mas o PSOL é uma ótima ferramenta. É a nossa hora!

## **RENOVAÇÃO DO PSOL**

Esse processo de mudança do PSOL para também pela sua renovação, que já está acontecendo. O PSOL cresceu 20% em número de filiados ao longo de 2017 e também apresentou novos quadros parlamentares na cidade e no estado. É o caso de Sâmia (São Paulo), Fernanda (Sorocaba) e Mariana (Campinas). Essa renovação também tem um forte componente jovem e feminista, expressão da luta das mulheres na primavera feminista em 2015.

Na Assembleia Legislativa Giannazi e Raul Marcelo também são a cara da nova oposição radical que o PSOL representa, enquanto o PT fecha acordos com os tucanos para compor os cargos da mesa diretora.

Essa renovação, que veio muito mais de fora para dentro do partido, pois não foi estimulada conscientemente por sua direção, agora mostra grandes resultados para a própria construção do PSOL. Por isso é preciso que a direção do partido passe a apoiar esses processos estimulando novas lideranças e formando uma nova geração de militantes. As eleições de 2018 acontecem em âmbito federal e estadual, mas a capital tem um papel fundamental nessa disputa. Da cidade de São Paulo podem sair importantes candidatas e candidatos para renovar

a política e afirmar o PSOL como alternativa. O partido precisa colaborar ativamente nesse processo para que o esforço da nossa militância seja multiplicado através da nossa organização coletiva.

Por tudo isso apresentamos o nome da vereadora Sâmia Bomfim para a tarefa de ser presidenta municipal do PSOL-SP. Como uma jovem vereadora e ativista das redes e das ruas, Sâmia está preparada para representar um conjunto de filiadas e filiados e de aliadas e aliados que irá organizar a indignação das paulistanas e paulistanos para derrubar Doria, Temer e Alckmin e construir uma cidade para a maioria do povo trabalhador. Para isso é necessário um PSOL militante, socialista, democrático, organizado pela base, com seus núcleos funcionando, ativo e com vida própria.